portugal1914.org

5º

O Governo
Pimenta de Castro

A sessão no Palácio de
Mitra

O 14 de Maio

5º

O Governo Pimenta de Castro.

A sessão historica no Palacio da Mitra – A revolução de 14 de maio

O ministerio Pimenta de Castro formado em 25 de Janeiro foi completado em 4 de fevereiro com a nomeação do coronel José Jeronymo Rodrigues Monteiro para os Estrangeiros.

Era um ministerio militar. Só dois ministros eram civis, o da justiça e o do fomento. E era um ministerio de engenheiros, pois dos ministros militares, 4 eram ~~cujo~~ officiaes de engenharia, 1 official de artelharia e 1 official de marinha.

Em 12 de março, foi modificada esta composição. O ministro José J. Rodrigues Monteiro passou para as Finanças, o ministro Theophilo da Trindade passou para os Estrangeiros, e o almirante José Maria Teixeira Guimarães ~~foi nomeado~~ entrou para ministro das Colonias

Quanto á politica externa que ia seguir, é certo que em 4 de fevº informava o Ministro inglez de que era sua intenção proseguir a mesma orientação do seu predecessor, mas a verdade é que nada se fez, que se visse.

portugal1914.org

Este general Pimenta de Castro era um velho republicano, mas era tambem um grande excentrico.

Era commandante da 6ª Divisão quando teve de fazer a critica de uns exercicios de quadros realizados na area da sua Divisão. Assistia á critica o ministro da guerra Antonio Vasconcellos Porto. Fez a critica em termos tão inconvenientes, tão causticos, que, acabada a conferencia da critica dos exercicios, o ministro ordenou telegraficamente para ~~Lisboa~~ Lisboa, para o seu ministerio, que o exonerassem immediatamente do commando da Divisão.

Em 1911 commandava Me a Divisão do Porto. Tendo eu sido eleito deputado á Constituinte pelo circulo de Chaves, fui agradecer a minha eleição. Ao chegar ao Porto, os boatos dizendo que Paiva Couceiro tinha entrado a fronteira com forças armadas, eram immensos. Entendi ser do meu

portugal1914.org

dever ir ao Quartel General offerecer o
meu prestimo para ser portador de ~~[illegible]~~
~~para Chaves~~ quaesquer ordens ou instru-
cções que o general quizesse ~~confiar-me~~ enviar para Chaves.
O general recebeu-me muito bem e, de-
pois de me ouvir, disse:
— Obrigado. Mas não preciso man-
dar nada. Não ha nada. O snr. lem-
bra-se do cometa que aqui ha poucos
annos andou por ahi? Lembra-se de ouvir
dizer que a cauda do cometa havia de
devorar a terra, fazel-a desapparecer,
e não sei que mais? Pois agora é o
mesmo..., com o Paiva Couceiro. ~~Faça~~
~~boa viagem~~, Agradeço a sua
attenção; faça boa viagem e não pense mais nisso. O Cou-
ceiro ou qualquer outro não fazem nada!!
Acompanhou-me até á porta, e á
despedida ~~[illegible]~~ disse ainda:
— Adeus. Boa viagem. E se vir por lá
o cometa, dê-lhe saudades.
Depois de approvada a Constituição
de 1911, e eleito Presidente da Republica

portugal1914.org

o Dr. Manuel d'Arriaga, ate ao encarregar José Chagas de organizar ministerio, indicou o General Pimenta de Castro para Ministro da Guerra. João Chagas não era pessoa para tolerar a mais ~~[illegible]~~ pequena falta de atenção. O general Pimenta de Castro não ligava nenhuma a ninguem. Achava conselhos de ministros uma grande maçada e á noite, em batendo as 22 horas, desligava ~~[illegible]~~ o telefone para que ninguem o incommodasse. Escusado será dizer que, não passou ~~[illegible]~~ muito tempo sem que João Chagas ~~não~~ estivesse aborrecido com ~~esse~~ o ministro que não apparecia ou não era possivel encontrar.

Vem o dia 5 de Outubro de 1911. Couceiro entra com forças pela fronteira de Bragança e Vinhaes. O que succedeu pode ser lido a pag. 29 de um pamphleto de João Chagas intitulado "A Ultima Crise" que está arquivado nos demais papeis ~~[illegible] imprensa que se distribuiu [illegible] Presidente do Ministerio~~. Foi preciso que João Chagas pe-

portugal1914.org

zesse este dilemma ao Presidente da Repu-
blica: a demissão do general de Ministro
da Guerra ou a demissão de todo o Ministe-
rio. O Dr. Manoel d'Arriaga assumiu
muito contrariado a demissão do general.
Eis o homem a quem o Presidente da
Republica, atrabiliariamente, entregava agora
o Governo da Republica

✶

O partido republicano português
ao ver a composição deste Governo fez
varias *démarches* no sentido de lhe faci-
litar a acção e de lhe dar feição accentu-
adamente republicana. Sugeriu mesmo
a entrada do Dr. Antonio José d'Almeida
ou do Dr. Brito Camacho, com o que, man-
tendo-se-lhe o caracter de franca opposi-
ção ao partido republicano português (demo-
crático) se lhe dava a feição republicana.
Mas o tempo ia passando; quanto á
ida de tropas para França, já se não falava
em tal; falava-se em eleições, mas tam-

portugal1914.org

se demoravam.

Paiva Couceiro e todos os comprometidos nas incursões, appareciam em Lisboa. (*)

Appareciam actos de dictadura: transferencias arbitrarias, notas officiaes dizendo que o Parlamento não reuniria, como era seu direito.

O povo começou a agitar-se.

Numa noite, o deputado democratico Henrique Cardoso é morto a tiro no momento em que ia a entrar para a escada do Directorio do partido, que dava para a rua que ladeia o Theatro de S. Carlos pelo lado poente.

Em 24 de fevereiro é publicado dictatorialmente um Decreto alterando os colegios eleitoraes.

Em 2 de março outro Decreto altera o processo eleitoral.

E, contudo, as negociações ~~para~~ continuavam para este Gov. ~~...~~ se colocar melhor perante as massas republicanas. Em 3 de março, isto é, na vespera da violencia que já estava decidido a praticar contra o Parlamento, ainda houve uma conferencia dos presidentes das duas Camaras com o Presidente da Republica e com o presidente do Governo.

portugal1914.org

(*) Em Outubro de 1911, tinham os
conceiristas entrado em Portugal por Vinhaes;
em Julho de 1912 tinham entrado por Chaves;
em Outubro de 1913 tinha-se dado a tentativa
de sublevação em Lisboa; em Outubro de 1914 fôra
a sublevação de alguns elementos militares em
Mafra; em 1915 estavam todos os muitos mo-
narquicos em Portugal, à sua vontade.

portugal1914.org

Tudo baldado. No dia ~~seguinte~~, 4 de março, quando os parlamentares se dirigiam para o Palacio do Parlamento para se reunirem em sessão do Senado e da Camara dos Deputados, encontraram o Palacio cercado de guarda-republicana e policia, com ordem de não deixar entrar ninguem. Nem mesmo os presidentes poderam entrar.

A 4 annos de Republica tinhamos uma Ditadura a não deixar funccionar o Parlamento.

Senadores e Deputados reuniam immediatamente em casa de Affonso Costa, na Rua Duque de Palmella, esquina para a Rua Braamcamp, e ahi deliberaram ~~logo~~ que a Camara, o Senado e o Congresso reunissem naquelle mesmo dia nos arredores de Lisboa. Um homem influente em Loures, chamado Raimundo Alves, então democratico ferrenho e hoje partidario da ditadura do Estado Novo e funccionario do Governo Civil de

portugal1914.org

Lisboa, arranjou tudo para esta reunião se effectuar, sem precalços, em Santo Antão do Tojal, no velho palacio da Mitra, assim designado por ter sido desde 1554 senão desde epoca mais antiga (1291) residencia de verão dos arcebispos de Lisboa.

Os parlamentares, formando grupos, sahiram de automovel por pontos differentes da cidade para não levantar suspeitas e foram reunir numa sala do 1º andar daquelle Palacio, onde normalmente funccionava a escola primaria da localidade.

Pelos summarios das sessões da Camara dos Deputados e do Congresso realisadas se vê o que se passou nessas sessões.

Juntos vão estes summarios

Quando o Governo teve noticia desta reunião, já ella tinha acabado

portugal1914.org

Depois de realizada a sessão do Congresso no Palacio da Mitra de Santo Antão do Tojal, muitos foram os republicanos que sentiram que a Republica corria graves riscos. Não eram os republicanos que governavam; nalguns sitios não se podia dar vivas á Republica; noutros, como em Silves, era prohibido tocar á Portugueza; os implicados nas incursões ou nas intentonas monarquicas de 1911, 1912, 1913, 1914 estavam todos dentro do territorio português; Paiva Couceiro passeava altivo pelas ruas da Capital.

A morte traiçoeira de Henrique Cardoso tinha sido uma provocação.

A Revolução era inevitavel.

Era, porem, necessario dar tempo a que as violencias do Governo creassem aquella atmosphera que dá a victoria ás revoluções, tanto mais que Antonio José de Almeida e Brito Camacho ainda apoiavam o Governo no receio de que, desamparando-o, elle cahisse definitivamente nas mãos dos monarquicos.

Iniciados os trabalhos revolucionarios foram seguidos ignorados das auctoridades e até de muitos republicanos. De subito, os marinheiros da Armada comprometidos já na Revolução e receosos de que

portugal1914.org

que os seus navios fossem desarmados, ou mi-
puseram a sahida da revolução dentro de poucas
horas. E eis como foi que na

madrugada de 14 de maio, o velho cru-
zador Vasco da Gama deu o signal de re-
volução ás 3 horas, revoltando-se de seguida os
outros navios de guerra, o arsenal de Ma-
rinha e o quartel de Marinheiros. O Chefe
da revolta no mar era o capitão de fragata
Jayme Leote do Rego, e o chefe no quartel de
marinheiros era o capitão-tenente José de
Freitas Ribeiro, meu collega no ministerio de
1913. No Cap.º 16º vem narrada a parte que tomou
neste movimento a unidade que eu commandava.

Nos jornaes da epoca e em outras publi-
cações vem a narração do que se passou.
Na noite desse mesmo dia, assignava-se
um armisticio, segundo o qual o Governo

portugal1914.org

Pimenta de Castro se demittia para ser substituido por um governo nacional extra-partidario.

No livro "A Revolução de 14 de maio" que escreveu o capitão, hoje coronel, João Antonio Correia dos Santos official que, por parte do exercito, assignou o armisticio com que findou a Revolução, se encontra a narração de quanto se passou.

E para terminar junto o curioso documento que vem citado pelo jornal "A Capital" de 1 de Junho de 1915 e pode ler-se na integra a pag. 152, 153 e 154 do livro-relatorio publicado pelo Dr. Manuel d'Arriaga em 1916 e que se intitula "Na primeira presidencia da Republica Portugueza"

portugal1914.org

Nasceu fóra do tempo. Não se lhe compreende a psicologia senão reintegrando-o na época historica de seu verdadeiro nascimento. A qual era—a Revolução Francêsa.

Nesse periodo ele estaria ao lado de Saint Just, talvez fôra amigo de Couthon! Mas, e sem receio de desmentido possivel, seria ele então ajudante de Fouquier-Tinville, o acusador publico, nem implacavel, nem sanguinario, nem cruel. Dois principios unicos a dominar uma maneira de proceder: 1.º)—A Lei; 2.º)—A Justiça. Sintese dos dois:—Defender a Republica.

E assim, no atual parlamento, não ha juiz que lhe mereça benevolencia. Os juizes atiram a Republica para um desvão, proclamando a benemerencia dos conspiradores? Pois Henrique Cardoso toma os juizes entre dentes e dilacera a magistratura.

Um maduro objetou-lhe:—«Você não respeita a independencia do poder judicial!»

Trôco imediato: —«Pudera! Pois o poder judicial não respeita a independencia e integridade da Republica.»

Em face da resposta, logica e decisiva, o interrogante afastou-se. Não sem que o Henrique, perseguindo-o, citasse Fouquier-Tinville, enorme figura a que os recentes trabalhos historicos deram o alto relevo que os mercenarios da Historia lhe haviam sonegado.

P. C.

portugal1914.org

Uma confissão do sr. Manuel de Arriaga

Veiu publicada hoje na integra em alguns jornaes da manhã a carta que o sr. dr. Manuel de Arriaga escreveu ao sr. dr. José de Castro no dia immediato ao da constituição do actual governo. Ha n'essa carta uma confissão preciosa, que a Historia commentará devidamente. Está n'estas palavras, que transcrevemos:

Com a minha sahida, mantida a estabilidade do novo regimen, ficaremos todos mais á vontade: os srs. ministros para annularem os decretos do governo transacto, que, em verdade, estão, quasi todos, fóra do mandato restricto que eu conferi ao meu venerando amigo general sr. Pimenta de Castro, na minha carta de 23 de janeiro, carta que tornei publica, com o firme proposito de afastar qualquer intervenção estranha, no uso das minhas prerogativas (imposição do exercito) e, principalmente, para definir o campo, extremamente restricto, d'esse mandato, que, no fim de contas, se resumia em evitar um conflicto imminente entre o exercito e a Republica e proceder ao acto eleitoral, na inteira garantia da imparcialidade de voto.

O sr. dr. Manuel de Arriaga confessa que quasi todos os decretos do governo Pimenta de Castro estão fóra do mandato que conferiu a esse seu venerando amigo. As pessoas que combatiam a dictadura e que por isso mesmo defendem o acto revolucionario que a derrubou podiam desejar melhor argumento para reforço das suas opiniões? E os jornalistas hespanhoes, que se teem farto de illudir a opinião publica do seu paiz com falsidades de todo o genero, não vêem nas palavras do sr. dr. Manuel de Arriaga, que tanto veneram, uma aspera condemnação da politica do sr. Pimenta de Castro?

Note-se ainda que o ex-presidente fala sem rodeios na «imposição do exercito», que teve de afastar, no uso das suas prerogativas, tornando extremamente restricto o campo de acção em que o sr. Pimenta de Castro poderia mover-se. Em tudo isso deviam reparar os jornalistas hespanhoes...